

# ESTUDOS SOBRE ALCOOLISMO

**Rosana Scarponi Pinto**  
*Capitão Psicóloga da PMMG*

O interesse por uma compreensão do alcoolismo surgiu dos entraves ocorridos nas tentativas de se realizar um trabalho clínico efetivo com esses pacientes.

Ao profissional de psicologia, trabalhando em instituição, são destinadas a demanda de tratamento, a adaptação funcional e a produtividade.

Buscando Freud, percebemos que não existe, ao longo de sua obra, um artigo destinado, em sua totalidade, ao alcoolismo ou à toxicomania, mas o papel das substâncias tóxicas é nela ressaltado algumas vezes.

A reflexão sobre o alcoolismo como um sintoma social e institucional constituiu a primeira etapa de um percurso a ser descoberto, pois o acionamento da toxicomania corresponde a um processo complexo de interação entre o contexto sociocultural e o sujeito.

A este respeito, em “O Mal-Estar na Civilização”, Freud aponta algumas formas paliativas que o homem encontra para suportar o sofrimento imposto pela civilização. Dentre elas, resalta a intoxicação química como método que garante

(...) não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (1 - p. 97).

Sobre esse texto, Jesús Santiago resalta alguns aspectos, como a separação ocorrida na vida humana do estado animal, a dimensão mítica do pai designado pelo superego e o sentimento de culpa como móvel central da civilização, fator no qual Freud localiza a função da droga para o toxicômano (2 - p. 7-16).

Bernard Lecoer, quando aborda o encontro do bebedor com o vinho, nos diz que através da linguagem o sujeito está, para sempre, separado do corpo natural e que o modo pelo qual ele se entrega à bebida como um complemento supõe o restabelecimento de um corpo pleno, sem os efeitos de recorte do significativo sobre o organismo (3 - p. 20-29).

Ainda sobre a civilização e a droga, Collete Soler, em “Sobre a Segregação”, faz reflexões acerca da sociedade de consumo e o indivíduo. Ressalta que a civilização atual preconiza uma universalização de valores, segundo os princípios do mercado e da tecnologia, operando, dessa forma, uma padronização do sujeito e uma segregação de suas diferenças. Os produtos “dizem” pelo sujeito. Os ideais ficam para trás, e as gerações se sucedem sem uma marca pessoal, sem um lugar próprio na história (4 - p. 25-45).

Nesta linha de valores, o álcool apresenta-se como um produto a mais a ser consumido. A mesma sociedade que o estimula, reprime. O álcool vem tamponar a falta de valores ordenadores para o sujeito. Este contexto atual no qual a droga se insere e ocupa lugar específico difere substancialmente de

outro por ela ocupado nas sociedades primitivas, nas quais estava alicerçada em uma sólida tradição cultural que impedia a desorganização psíquica do sujeito.

Além da relação do mal-estar social com a droga, Freud aborda o lugar do álcool frente aos impasses do sexo.

Em seu texto “Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor”, Freud traça um paralelo entre a relação do homem com a mulher e a do bêbado com o vinho. A união entre o homem e a mulher revela os impasses do outro sexo, tornando-se frustrante, porque busca, fundamentalmente, suprir a incapacidade da pulsão sexual de satisfação completa. O vinho, por outro lado, é um parceiro harmonioso e conciliador, tornando a relação entre eles modelo de um casamento feliz, porque alivia os contrastes próprios da vida amorosa (5 - p. 163-173).

Para Bernard Lecoeur, o estado de embriaguez representa um adiamento do impossível da relação sexual, e estar bêbado é apenas sonhar a relação sexual sem compromisso com a castração(6 - p. 30-38).

Ainda sobre os impasses com relação ao sexo, Charles Melman lembra que o discurso do alcoolista se endereça de forma submissa à mulher, cuja representação é a de detentora e distribuidora de um gozo que seria para ele sempre recusado (7 - p. 15-22).

A tolerância característica da mulher para com o alcoolista se baseia no conhecimento de que ela ocupa, na economia psíquica do marido, o lugar central, fixando-o em uma posição pueril, mesmo que atue de forma violenta e barulhenta.

Na complicada teia das relações familiares do alcoolista, ressalta-se o papel do filho do sexo masculino como tamponador das insatisfações conjugais. Frequentemente ele ocupa o lugar central na vida de sua mãe, sendo por esta protegido. Também não é raro que seja colocado como autoridade e se faça guardião de uma lei que o pai tenta desprezar.

A imago masculina, ao contrário da feminina, é percebida pelo alcoolista como fraterna e generosa. Seus pares se tornam objeto de forte investimento, aos quais são oferecidos o prazer da troca, da estima mútua e da lealdade. Contudo, é tida como desarmada e sem profundidade.

Hugo Freda reafirma o lugar da droga para contornar os impasses do ser humano diante da vida. É, principalmente, ante a falta que se mostra descoberta na relação com o semelhante, com o sexo e com o significante que a droga encontra seu verdadeiro sentido. Este sentido não é próprio dela mesma, mas dado pelo sujeito, a fim de anular a palpitação dessas dimensões tão difíceis a todo ser humano (8 - p. 106-115).

A tentativa do alcoolista de suspender sua divisão subjetiva coloca-nos diante da questão do tratamento. Qual o trabalho possível?

Entraves maiores, se pensarmos num trabalho dentro de uma instituição que espera respostas. As formas de se pensar o alcoolismo circulam entre o vício, o que traduz a noção de fraqueza de caráter ou, na melhor das hipóteses, a forma do alcoolismo-doença. No primeiro caso, o remédio eficaz seria uma adaptação do sujeito à ordem da instituição, através de medidas pedagógicas, chamadas à responsabilidade, constituindo-se, puramente, numa “reabilitação moral.”

Na noção de alcoolismo como doença, o esperado seria que apenas um tratamento de desintoxicação colocasse o sujeito pronto para o serviço.

Nas duas formas de intervenção, o álcool seria reduzido a um mal a ser extirpado, resolvendo, assim, as questões do sujeito, o que na prática raramente acontece. Entretanto, se priorizarmos não a droga mas o sujeito, sobrevêm dificuldades extras. Os profissionais que atuam com esses pacientes destacam a frágil atenção que estes dirigem às formações do inconsciente. Os tropeços que cometem, por exemplo, não fazem nenhum enigma, sendo remetidos a um não querer saber. Além disso, soma-se uma escassez de associações em que o agir prevalece sobre a palavra.

Ocorre, portanto, que atos desafiantes, exposição a situações de risco, recaídas, levam o analista a vivenciar sentimentos de angústia, irritação, ou a tomar atitudes de companheirismo ou camaradagem. Esses atos implicam uma substituição da palavra e tornam a entrada em tratamento, o estabelecimento da demanda e da transferência, fatores extremamente complicados no trabalho com esses pacientes.

Mas, e a instituição, vai esperar quanto tempo? Uma dificuldade extra para escutar o sujeito ocorre devido à pressa e à ilusão de cura e pelo fato de o analista querer que o sujeito pare de beber para livrá-lo do desemprego e da perda da saúde. Neste sentido, sobrevém a sedução de dar a todos respostas consideradas rápidas e eficazes, sem considerar a particularidade de cada caso.

Se prevalecer a escuta analítica, é preciso que o sintoma apareça como questão a ser decifrada na dinâmica da transferência, possibilitando um descolamento do significante álcool para a questão fundamental do sujeito, o que irá lançá-lo a trabalhar na construção de sua história (9 - p. 96-104).

Diante das coordenadas traçadas sobre as dificuldades de trabalho com o alcoolista, a saber: demanda incerta, no sentido de querer apenas “viver melhor com o álcool”; clínica predominantemente de atos em substituição da palavra, e em que o saber do inconsciente não faz enigma; casamento feliz com o álcool, o que dificulta a entrada de um sujeito suposto saber; e a demanda do Outro institucional, volta-se à questão: qual o trabalho possível com o alcoolista na instituição? Se considerarmos a psicanálise, será eminentemente uma clínica de entrevistas preliminares?

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. XXI, p. 97.

SANTIAGO, Jesús. Clínica da Toxicomania e do Alcoolismo no Campo Freudiano - Introdução. IN LECOEUR, Bernard. **O homem embriagado: estudos psicanalíticos sobre toxicomania e alcoolismo**. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania – CMT, 1992, p. 7-16

SOLER, Colette. Sobre a Segregação. In ANDRADE, Cleyton Sidney de . (coord.) **Subversão do sujeito na clínica das toxicomanias**. (IX Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania - Fhemig). Belo Horizonte, 1996, p. 25-45.

FREUD, Sigmund. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor: contribuições à psicologia do amor II. ESB**. Rio de Janeiro: Imago: 1972, p. 163-173.

LECOEUR, Bernard. *Op. Cit.*, p. 30-38.

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar**. São Paulo: Escuta, 1992, p.15-22.

FREDA, Francisco Hugo. Das drogas ao inconsciente. IN ANDRADE, Cleyton Sidney de. (coord.) **Subversão do sujeito na clínica das toxicomanias**. (IX Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania-Fhemig.) Belo Horizonte, 1996, p. 106-115.

BITTENCOURT, Lígia. As Entrevistas Preliminares no Tratamento das Toxicomanias: A Questão da Demanda. IN GUERRA, Eliane Fernandes (coord.) **A entrada no tratamento**. (V Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania-Fhemig). Belo Horizonte, 1992, p. 96-104.